

KEF REFERENCE 205

Reserva especial

**A KEF Reference Series é como o vinho Barca Velha: só se produz em anos de co-
lheitas de qualidade excepcional – 2002 é um desses anos. Depois de três anos
de estágio em cascos de forma elíptica, eis que o som nos é servido com a crista-
lina claridade do original**

TEXTO DE JOSÉ VÍCTOR HENRIQUES

O SOM, PODE LER-SE NA EXCELENTE BRO-
chura da KEF Reference Series, é um dos
grandes prazeres da vida – quanto mais se pro-
va mais exigente se fica. E os novos formatos
de alta resolução – SACD e DVD-Audio – não
perdoam erros no complexo processo de trans-
dução de sinais eléctricos em ondas sonoras.

As actuais KEF Reference não são apenas
a versão MkII de modelos anteriores, são uma
nova realidade acústica, fruto de longos anos
de experiência, na qual, para cada aspecto
fundamental da reprodução correcta de músi-
ca gravada, foi encontrada uma solução en-
genhosa, sempre na convicção de que em áu-
dio a função deve prevalecer sobre a forma. O
resultado final, em termos estéticos, pode as-
sim não ser do agrado de todos. Há quem as
ache estranhas e bonitas ou quem as ache
igualmente estranhas e pura e simplesmente
feias. Os gostos não se discutem?

Na ausência forçada do radical topo de ga-
ma da série – as 207 –, ainda em fase de afi-
nação, convivi durante algum tempo com as
205, o modelo imediatamente abaixo na hie-
rarquia «Reference», composta ainda pelos
modelos 201 e 203 e as centrais 202c e
204c para aplicações AV.

Podia mostrar aqui serviço enchendo duas
ou três páginas com os principais aspectos téc-
nicos que, na linha da actual crítica áudio, seri-
am directamente transcritos da excelente bro-
chura promocional (basta pedi-la). Como sem-
pre, prefiro ser mais emocional na minha abor-
dagem e transcrever as notas soltas que foram
sendo registadas no papel ao sabor das audi-
ções. É verdade que uma imagem vale mais
que mil palavras e as fotos falam por si. Mas
a tentação de uma descrição, ainda que míni-
ma, é grande, porque é preciso nomear para
compreender e a emoção solta-nos a palavra.

Retire as grelhas, algo que, aliás, deve fazer
sempre que se dispuser a audições críticas pro-
longadas e não apenas informais, pois afectam
o timbre, um efeito patente na vocalização das
sibilantes (oiça-se «Drão», de Caetano Veloso,
com e sem grelha) e deslumbre-se com a be-

leza high-tech dos acabamentos. Antes de sal-
tar aos ouvidos, a qualidade salta aos olhos.

Em perfeito alinhamento geométrico, recor-
tados no leito acetinado de madeira natural
(faia, cerejeira ou negro-antracite) surgem por
ordem descendente o famoso altifalante dual-
concêntrico Uni-Q – ex-libris da marca – e du-
as poderosas unidades activas de graves com
seus pórticos privados. O primeiro tem cravado
na garganta um tweeter elíptico de cúpula de ti-
tânio, e é esta conjugação feliz a principal res-
ponsável pela extraordinária lucidez na repro-
dução da voz humana que, aliada à notável lim-
pidez do som do piano, funciona como refe-
rência psicoacústica na posterior «explanação»
do resto do espectro audível, razoavelmente
isento de artifícios de dissonância ou eufonia: da
audição fica-nos uma ideia de precisão e con-
trole patente na qualidade da «dicação» (inteli-
gibilidade dos sons) – controle que não deve ser
confundido com frieza, pois nem sempre é a voz
embargada o veículo privilegiado da emoção.

Os altifalantes de graves são uma parelha
de respeito e trabalham em conjunto, embo-
ra as câmaras independentes sejam de di-
mensão diferente, logo com pendentes dife-
rentes também: mais pequena a do altifalan-
te superior para permitir uma integração mais
suave com os registos médio-graves do Uni-Q.
Os tapa-poeiras semitransparentes têm a sen-
sualidade de um negligé sobre os seios firmes
de uma mulher, como firmes e bem projec-
tados são os graves que reproduzem.

Sobre a calva da caixa acústica em alumínio
da unidade Uni-Q, que fica a descoberto mes-
mo com a grelha no lugar, está montada a ce-
reja no bolo, o hypertweeter, que torna as KEF
Reference, a par das Tannoy Dimension (tam-
bém distribuídas pela Videoacústica), das pou-
cas colunas de série no mundo aptas a repro-
duzir a extensa resposta em altas frequências
dos novos formatos áudio SACD e DVD-Audio.

Já convivi com colunas famosas de preço es-
tratoférico, cujos acabamentos são pouco me-
nos que artesanais, quando comparados com
esta exibição de design funcional e competência
técnica. Longe vão os tempos em que munido
de uma prancha de madeira, meia-dúzia de pre-



gos e três altifalantes importados à candonga
conseguiu construir umas colunas KEF 102B em
tudo semelhantes às originais, comercializadas
ao dobro do preço no Reino Unido. Até tocavam
bem! Agora resta-me meter a viola no saco. As
KEF 205 parecem ter sido construídas por um
robot inteligente. E contudo, sente-se que há nel-
as o carinho da mão humana, porque um pro-
duto destes só se pode construir com amor – e
por amor à arte; uma mão que se responsabiliza
por elas e assina por baixo.

Claridade é o termo que melhor define a
performance das KEF 205. Na minha já longa
experiência, esta claridade tem sido até agora
apanágio apenas de colunas sem caixa ou,
como é o caso, com «caixa virtual», que não
contribuem assim com a sua quota de colo-
rações. Não há aqui o «tempo tonal» que
distingue as Sonus Faber; o delicioso recato
proporcionado pelas unidades de fita (ribbon),
como o das Pièga C40; ou a insustentável
leveza da transdução electrostática, como a
das Quad e Martin-Logan. As KEF 205 são
pão-pão-queijo-queijo: o que entra sai, embo-
ra tenha dúvidas que alguns engenheiros de
som pretendam que se oiça tudo o que está
no disco com tal frontalidade e franqueza.

Por claridade, entenda-se a capacidade pa-
ra definir, separar, destrinçar cada fio do com-
plexo tecido instrumental. Está muitas vezes
associada a uma ênfase nos registos médio-al-
tos, cuja presença aqui é benigna. Não con-
fundir com transparência que é a propriedade
do excipiente acústico ambiental que nos per-
mite ver mais longe, dentro e para dentro do
palco sonoro. A primeira está relacionada com
a pureza tímbrica (leia-se ausência de colora-
ções), a segunda confunde-se com a volume-
tria da imagem estereofónica, embora não se-
ja exactamente a mesma coisa, e depende
muito das condições acústicas da sala e da
precisão da colocação das colunas de som.

No meu caso, admito que as condições não
eram as ideais em termos de espaço: as 205
não substituíram as Martin Logan Oydsey na sa-
la nobre, acolitadas por amplificação Krell, an-
tes resolvi submetê-las à dura prova de actuarem
num espaço exiguo típico de uma casa portu-